

EITA GOTA! UMA VIAGEM PARAIBANA: A RECEPÇÃO DO QUE É NOSSO

Paloma do Nascimento Oliveira

Universidade Federal da Paraíba – palomaoliveira03@gmail.com

Resumo: Como fazer com que meu aluno goste de literatura? Este geralmente é o primeiro questionamento que o professor do nível fundamental se faz ao iniciar suas aulas. De fato, sabemos que não há uma fórmula para a mágica do prazer pelos livros acontecer, mas o que muitos não sabem é que há estratégias que podem facilitar a prática do professor, no momento da inserção da leitura em sala, e ajudá-lo a despertar o interesse do jovem. Além dessas estratégias, fundamentadas por Cosson (2014) e Colomer (2007), há também a escolha do material, que deve ser muito bem pensada do ponto de vista da idade do aluno e de sua realidade sócio-econômica. Pensando nessas questões e, sobretudo, pela aproximação da temática da obra com a realidade do aluno paraibano, foi escolhida a obra *Eita gota! Uma viagem paraibana* (2013), do monteirense Efigênio Moura. Neste artigo, portanto, traremos uma proposta para ser trabalhada com alunos de 6º e 7º anos da Rede Pública do Estado da Paraíba e ressaltaremos a importância do estudo da literatura local, assim como da consciência da identidade através dos livros.

Palavras-chave: Literatura Paraibana, Estética da Recepção, Narrativa.

Considerações Iniciais

O presente trabalho surge de questionamentos nascidos da observação do comportamento do aluno em relação à literatura no momento da aula. Depois de três anos lecionando 6º e 7º anos, no nível Fundamental II, ficou perceptível que a leitura literária poderia ser um processo facilitador para o jovem, tanto do ponto de vista da vivência em grupo, quanto da construção de princípios e a aplicabilidade destes com situações reais. Nesse percurso, foram trabalhados livros em que se explorava a temática das drogas na adolescência; a desigualdade social e as formas de lidar com isto; as relações familiares e o divórcio sob o olhar dos filhos.

Diante das mais variadas temáticas, a escola sugeriu como tema gerador do projeto geral: Em busca da nossa identidade. Com um catálogo extenso na nossa literatura paraibana, a grande dificuldade seria encontrar um livro que contemplasse uma linguagem que atingisse o público jovem e eis que surge: *Eita gota! Uma viagem paraibana*, do monteirense Efigênio Moura. A escolha desta obra, surge, portanto, a partir o

objetivo geral de atender à temática eleita pelo corpo docente no planejamento inicial do ano letivo. A partir desta escolha foi possível pensar em como a temática regional poderia ser meio para a construção do conceito de identidade do jovem; assim como analisar diferentes estratégias que permitissem à leitura enquanto momento de prazer e desobrigação.

Desse modo, foi preciso buscar suporte em Cosson (2014) e Colomer (2007) para saber que outros direcionamentos poderiam ser eficazes no trabalho da prosa com adolescentes. Os dois autores lançam mão de conceitos valiosos para o trabalho da literatura em grupo. Encontramos, portanto, nessa experiência um instrumento válido de compartilhamento para o professor que pretende se jogar em leituras mais longas e, nas linhas a seguir, esperamos ser incentivo para a continuidade do trabalho com livros literários, sobretudo, nas escolas públicas do país.

Um pouco sobre leitura de Literatura

Um dos grandes problemas encontrados na leitura de literatura em nosso país é a noção de ligação direta e exclusiva com a escola; boa parte dos alunos e pais definem a vida leitora a partir da formação escolar e das escolhas que os professores fazem para os pequenos. Segundo Cosson (2014, p. 12) “a leitura não é uma forma comum de lazer” no nosso país, “ler como diversão é a atividade preferida de apenas 28% da população”; enquanto isso, a televisão é campeã da preferência entre os brasileiros e a música ou rádio fica muito à frente.

Mas o que leva a nossa nação a todo esse desinteresse diante dos livros? De acordo com o autor supracitado o professor é o principal mediador da leitura e muitos deles passam por cima desse momento proporcionado pelos livros literários, se apegam apenas ao livro didático e trabalham trechos de textos contidos nos livros didáticos; além disso, os jovens

estão eternamente plugados pelos fones de ouvido, trocando incessantemente mensagens nas redes sociais, jogando on-line em sites especializados ou entretidos nos videogames, navegando de muitas formas na web, os jovens não parecem ter tempo nem concentração para a leitura de livros impressos. (COSSON, 2014, p.12)

O que fazer então diante de tantos atrativos contrários? Uma alternativa encontrada por alguns professores que querem chamar atenção para os livros é adotar os *best-sellers*, com a justificativa de que é uma porta de entrada para a leitura e, por estarem na mídia, muito provavelmente o aluno se interessará pela leitura. Essa escolha não parece a pior, pior seria

não ler, é fato. O problema talvez resida em se acomodar



nesta alternativa e deixar de apresentar clássicos e contemporâneos que merecem atenção. Uma escolha de cada por ano, talvez sanasse parte da dívida que a sala de aula tem com a literatura.

Partindo para a literatura do ponto de vista do termo infanto-juvenil, deve-se levar em conta que o conteúdo deve ser leve, ao passo que não seja bobo ou alienado. O jovem precisa ser envolvido pela ficção e sentir prazer nesse envolvimento para começar a entender o alcance da leitura na construção dele enquanto ser pensante. “Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive” (COSSON, 2014, p. 33). Assim o jovem vai adquirindo a compreensão de que a leitura é um instrumento de inclusão social.

De acordo com Coelho (2000, p. 15), “a literatura, em especial, a infantil tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”. Cabe à escola, portanto, pensar nesse processo transformativo, já que vimos que, por questões culturais e tecnológicas, a leitura não é uma atividade prioritária da família. O espaço escolar é o lugar em que encontramos a possibilidade de repensar posturas autoritárias habituais para assunção de uma atitude mobilizadora e reflexiva, permitindo ao aluno o reconhecimento de suas competências leitoras, sem a pressão sistemática dos moldes tradicionais.

Diante disto, Coelho pensa em pressupostos básicos para um projeto de ensino/estudo da literatura infantojuvenil que contemple o jovem como um ser em formação que necessita da maior atenção possível: 1) *Pensar na criança como um ser educável*, ou seja, um indivíduo em constante aprendizado, sobretudo, da cultura em que está inserido enquanto dura o que a autora chama de ciclo vital; 2) *A literatura como um fenômeno de linguagem* resultante de uma experiência existencial/social/cultural; 3) *Valorizar as relações entre literatura, história e cultura*; 4) Compreender a leitura como um *diálogo* entre leitor e texto para estimular o ser em sua globalidade e leva-lo à formação interior a longo prazo; 5) Compreender a escrita como um *ato-fruto da leitura assimilada e/ou da criatividade*; 6) Certificar-se de que os *meios didáticos são neutros*, sem nenhum tipo de manipulação; e 7) Ter certeza de que a escola é o espaço privilegiado para que se comece o processo de autorrealização do ser humano.

Diante desses pressupostos o professor e a escola ganham maior responsabilidade na formação do aluno. Eles fazem parte dos pilares para a

formação de novas mentalidades, responsável pela firmamento de valores e atitudes que devem ser difundidos no período de formação escolar. Tais valores e atitudes são destacados pela autora e devem ser pensados para a prática de: espírito solidário; questionamento da autoridade; sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser; moral da responsabilidade ética; sociedade sexófila; redescoberta e reinvenção do passado; concepção de vida fundada na visão de mundo da condição humana; intuícionismo; a criança ser em formação e o antirracismo.

Levando em conta os valores e atitudes listados acima, professor e escola se munem de incentivo para a inserção da leitura literária na vida do estudante. Começa-se a pensar que os valores podem ser transmitidos de livro para leitor e de leitor para livro. Sim, o leitor também é um ser ativo no processo de leitura.

O leitor traz para os livros: a atitude para com eles; as atitudes para com a vida; o conhecimento a experiência com os livros; o conhecimento e a experiência da vida; a formação e preconceitos culturais; a raça, classe, idade e atitudes sexuais; e inúmeros outros pormenores de sua personalidade, formação e educação. Tudo isso afetará o modo como produzimos o sentido – o que entendemos e tomamos como importante. (HUNT, 2010, p. 110 – 111)

Assim, com essa gama de opções que servirão para a construção de sentido do texto literário, o jovem leitor produzirá, cada vez mais, novas percepções do mundo e de tudo o que lhe rodeia. A seguir, vejamos como foi a experiência da leitura em sala.

Com os olhos no papel

Levar um romance infantojuvenil para sala de aula é algo extremamente desafiador. E se este livro não se enquadrar nessa categoria e for classificado enquanto literatura para adultos? Isto talvez torne a escolha ainda mais difícil. No nosso caso, não foi. *Eita gota! Uma viagem paraibana*, de Efigênio Moura, não é literatura infantojuvenil propriamente dita, mas literatura em que qualquer nordestino se identificaria ao ler. A identificação não seria o único motivo para a escolha, depois da leitura foi possível perceber uma linguagem tão acessível quanto de um livro de Rute Rocha ou de Giselda Laporta Nicolelis; assim nasceu o projeto de trabalho: “A recepção do que é nosso”.

Para o trabalho com o livro, pensamos em dois teóricos que ajudariam substancialmente na efetivação do projeto. Primeiro, para organizar a sequência didática, recorremos a Cosson (2006) com seu modelos de sequências básica e expandida. Optamos pela sequência



expandida, visto que a básica só contempla as etapas da motivação, leitura e interpretação; já a expandida contém as seguintes fases: Motivação, Introdução, Leitura, Primeira Interpretação, Contextualização, Segunda interpretação e Expansão. No entremeio da aplicação da sequência atentamos para o conceito de Literatura Compartilhada de Colomer (2007) que enfatiza a leitura literária enquanto um processo que envolve professor e aluno dinamicamente, compartilhando experiências e impressões a partir do texto escolhido.

Ler não parte do nada, escolhas de textos e a aceitação deles por parte da turma surgem de algo, de um sentimento, ou segundo Cosson, de uma motivação. “A leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais” (2006, p. 54); essa preparação para o aluno entrar no texto foi a primeira atitude para iniciarmos e, ao mesmo tempo, avaliarmos a viabilidade do trabalho com o romance em questão. Nessa etapa, foi levado para a sala um vocábulo específico do livro, com o pretexto de trabalharmos as variedades linguísticas do nosso Estado, a Paraíba. A turma em sua totalidade se divertiu muito ao descobrir termos novos, a exemplo de “cagalonga” – gíria utilizada para designar as pessoas que andam na carroceria de caminhão.

Após a motivação, vendo a recepção positiva das turmas em relação à temática principal da obra, foi feita a introdução em que optamos pela entrada temática tomando a motivação como eixo. O livro foi apresentado como reflexão sobre nossa forma específica de falar, sobre nosso comportamento linguístico no cotidiano. A partir deste momento percebemos que experiência de ouvir o outro é extremamente válida. O aluno não chega à escola vazio, sem vivências. Ele traz consigo uma bagagem de histórias, experiências, dores, alegrias, uma miscelânea de sensações e recordações que poderão ser ativadas no momento da leitura. E o professor deverá estimular esta busca sensorial, isto fará da leitura um momento de contemplação.

Dessas formas específicas da fala surgem as experiências vividas pelos jovens: de histórias do interior do Estado; das viagens onde eles relataram perceber uma variação linguística acentuada – sobretudo as viagens para o Sudeste do país; dos parentes mais velhos que têm um vocabulário específico e muito semelhante ao discutido em sala; dos momentos em que assistem a filmes com temáticas regionais, etc.

Após essa etapa, partiu-se para a leitura. Cosson atenta para que esse momento seja concretizado prioritariamente extraclasse: “o professor e os alunos buscarão acertar em conjunto os prazos de finalização da leitura” (2006, p. 81). Ele mesmo afirma que em alguns

casos esse acerto requer uma negociação delicada. Dentro

do nosso contexto, a leitura em casa não seria a melhor opção, avaliando que a maioria dos alunos sequer cumpriam as atividades obrigatórias. Assim, como pode-se ver na figura abaixo, ficou acordado com as turmas que a leitura seria feita parcialmente em sala, parcialmente em casa. A ideia era atrair-los para a obra para que neste passo inicial eles se apoiassem para sua autonomia posterior.



Figura 1 - Leitura do prefácio explicativo da obra

Lemos juntos, ainda em sala, o prefácio da obra, com a promessa de que os capítulos lidos na escola aconteceriam no espaço do pátio, lugar que significa diversão para eles, espaço até então reservado apenas para recreio e eventos do calendário escolar. Vejam na figura como eles estavam atentos a uma parte do livro que normalmente é desprezada pelo leitor.

Após a leitura do prefácio eles ficaram eufóricos para sair de sala e ter a liberdade de sentar da forma como quisessem, além da sensação de liberdade que um espaço aberto proporciona ao indivíduo. Como aparece na Figura 2 os alunos se dispuseram num círculo para ouvir o primeiro capítulo – assim com os outros que foram trabalhados durante o tempo em que trabalhamos o livro. Neste momento, estagiários do curso de Letras da UEPB, que

observavam as aulas, registravam em fotos, intrigados, a concentração da maioria.



Figura 2 - Leitura compartilhada no pátio da escola

Uma das estratégias para prender a atenção dos jovens é a entonação dada ao texto. O ar de dramaticidade, as pausas quando necessárias, o grito, o cochichar, o uso do corpo, do olhar, tudo converge para o olhar do aluno; ele precisa da constante motivação para que a leitura seja algo bom, seja diversão.

Esse processo de leitura foi intercalado com o de contextualização: para fato novo surgido no livro foi discutido em que momento de nosso tempo isso poderia ter acontecido, assim como o lugar. Um exemplo: o livro começa na cidade de João Pessoa, onde depois de pagar uma promessa Dona das Neves e Netinho se dirigem à rodoviária da capital a fim de conseguir uma lotação para retornarem a Monteiro, cidade do cariri paraibano. Nesta procura o livro traz o contexto da rodoviária e dos alternativos que se esquivam da fiscalização. Os alunos que frequentam este ambiente imediatamente se identificaram e narraram para seus colegas que de fato o livro estava sendo fiel no retrato daquele lugar.



Figura 3 - Leitura compartilhada no pátio da escola

Após o processo de primeira interpretação aliado ao de contextualização temática, chega a hora de uma segunda interpretação, desta vez, sem a intervenção da professora. Como vemos na Figura 4, as alunos estavam à vontade para conversar sobre o texto lido.



Figura 4 - Discussão do capítulo após leitura compartilhada

Após a discussão os alunos ficavam incumbidos de ler o capítulo seguinte do livro. E alternávamos as leituras entre casa e escola. A atividade proposta para conclusão do projeto foi a produção de cartazes em que se contasse a história de cada capítulo a partir de um desenho. Esta atividade foi feita em grupo e em sala de aula, já que a escola aconselha a não passar trabalhos em grupo para casa. No fim dos trabalhos os alunos puderam apreciar os cartazes de todas as turmas que ficaram expostos para a escola.

Considerações Finais

O primeiro impacto negativo do aluno ao descobrir que leria um romance poderia ter sido desmotivador para qualquer professor, mas a cada reação facial de rejeição foi nascendo uma motivação maior, um desejo incontido de mostrar que a literatura não se limitava ao tamanho da letra, ao volume de páginas.

O medo não estava no conteúdo da obra, mas na limitação financeira dos alunos que os levariam, no máximo, a adquirir a cópia do livro. Esse problema da questão das cópias do livro poderia desmotivar a leitura, afinal apenas dois alunos tiveram condições de adquirir a obra original; alguns, de fato, não adquiriram sequer a cópia por não dispor dos onze reais delimitados. O temor de que a forma da obra pudesse afastar as turmas, logo foi dissipado: a leitura, quando bem realizada, com a energia e entonação adequada, pode florescer de uma folha de jornal, não importando em suporte se encontra.

Os pequenos alunos pouco deram atenção à ausência de cores de suas cópias; eles queriam saber mais e mais sobre a viagem, ouvir a professora encenando os diálogos de acordo com o sotaque e ritmo que os personagens pediam. As formas que a leitura foi ganhando durante as aulas, forneceu ao aluno a senha para o universo ficcional; aluno e professora saíram dessa experiência compreendendo a importância de um livro e da identificação do leitor com este.

Esse tipo de trabalho, pois, foi uma espécie de mola propulsora para a continuidade da leitura em sala, desprendida do livro didático, dos papéis avulsos. É a partir desta experiência que se desmitifica a ideia de que aluno do ensino público tem uma experiência de leitura limitada. Tudo depende do mestre que eles possuem!

Referências Bibliográficas

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MOURA, E. *Eita gota! Uma viagem paraibana*. Campina Grande: Latus, 2013.